
A Ergodicidade e o Texto Digital

Ergodicity and Digital Texts

Fernanda Bonacho

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/959>

DOI: 10.4000/cp.959

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Refêrencia eletrónica

Fernanda Bonacho, « A Ergodicidade e o Texto Digital », *Comunicação Pública* [Online], Vol.10 nº17 | 2015, posto online no dia 30 junho 2015, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cp/959> ; DOI : 10.4000/cp.959

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

A Ergodicidade e o Texto Digital

Ergodicity and Digital Texts

Fernanda Bonacho

EDITOR'S NOTE

Recebido: 15 Abril 2014

Aceite para publicação: 20 Março 2015

1. Ergodicidade hipertextual

O que eu aprecio numa narrativa não é directamente o seu conteúdo nem mesmo a sua estrutura, mas sim as esfoladelas que faço no belo invólucro: corro, salto, levanto a cabeça, torno a mergulhar.

Barthes, O Prazer do Texto

- 1 Uma das principais inovações da técnica na prática literária da última década foi a experiência proposta pelo hipertexto e a possibilidade de tornar acessível, à superfície, uma intertextualidade que se encontrava em transparência no papel. O hipertexto desvendou a organização mecânica da própria textualidade a partir do momento em que as especificidades do dispositivo se tornaram parte integrante da economia textual. Nos últimos vinte anos, foram vários os autores que exploraram as potencialidades do hipertexto na escrita¹ e vários os teóricos que analisaram uma teoria do hipertexto e contribuíram para esta. De facto, ancorados nas teorias literárias contemporâneas, autores tão diversos como Theodor Nelson (1981), Jay David Bolter (1991), George Landow (1997), Espen Aarseth (1997) ou Rober Coover (1999) fundamentam as possibilidades do hipertexto no conceito de pluritextualidades. Apesar de muitas semelhanças, existem alguns pontos fundamentais discordantes entre estes teóricos do hipertexto, que sugerem a sistematização de uma posição conceptual, cujas complexidade e alteridade conseguem, muitas vezes, ser responsáveis pela *angústia* (Borràs, 2005) que suscita a textualidade

electrónica. Existem teóricos, por exemplo, que consideram que a “ligação” constitui uma inovação técnica de extrema importância para o texto, como explica Mark Bernstein:

O que mais interessa na escrita electrónica é a ligação. As ligações são os primeiros sinais de pontuação a aparecer em séculos, a inovação técnica mais importante da nossa máquina literária a aparecer desde a vírgula” (Mark Bernstein, *Reading Hypertext:4*).²

- 2 Não quer isto dizer que o hipertexto seja uma forma revolucionária ou uma ruptura radical com anteriores textualidades, no sentido das novas possibilidades e dos desafios criados pelo computador. A subversão do hipertexto consistirá, antes de mais, numa abordagem ampliada das formas de textualidade: os sistemas de comunicação literária apresentam diferenças funcionais entre as partes mecânicas, as quais, a partir daqui, desempenham uma função que determina todo o processo estético (Aarseth, 1997).
- 3 No livro *Cybertext. Perspectives on Ergodic Literature*, Espen Aarseth introduziu a expressão “ergódico” para caracterizar um suposto esforço adicional, ou “não-trivial”, necessário para percorrer a nova textualidade, devido, sobretudo, à hipertextualidade e à hipermedialidade do discurso. Na linha de Aarseth, os conceitos anteriores de leitura não incluíam este “trabalho de construção física” que agora decorre da *ergodicidade* do hipertexto:

Durante o processo cibertextual, o utilizador irá percorrer uma sequência semiótica e este movimento selectivo é um trabalho de construção física que os vários conceitos de ‘leitura’ não têm em conta. Chamo a este fenómeno ‘ergódico’, utilizando um termo proveniente da física que deriva das palavras gregas ‘ergon’ e ‘hodos’ e que significam ‘trabalho’ e ‘caminho’” (Aarseth, 1997:1³).
- 4 A ergodicidade, proposta por Aarseth para descrever as obras cibertextuais, reforça a ideia de que “é preciso um esforço diferente para que o leitor consiga atravessar o texto” (Aarseth, 1997:1). Desta forma, distingue estes textos de outros convencionais pela necessidade de um empenho distinto. Vai até mais longe, ao notar que em textos não-ergódicos não existem “responsabilidades *extranoemáticas* deixadas para o leitor, excepto (por exemplo) o movimento do olhar e o ocasional e arbitrário virar de página” (Aarseth, 1997:1).
- 5 Ou seja: na perspectiva do autor, e por oposição, a escrita não-ergódica será aquele género de escrita em que os materiais, as interfaces e os seus mecanismos analógicos se tornaram tão habituais para os escritores e os leitores que são virtualmente transparentes e considerados comuns ou triviais. Os textos ergódicos, por outro lado, são diferentes, porque impõem o dever de fazer algo para além de compreender o texto. Esta diferença é significativa para Aarseth, pois “o esforço e a energia pedidos ao leitor do cibertexto levam os níveis da interpretação aos níveis da intervenção”, acrescentando o autor, mais à frente, que o “leitor dos cibertextos é um brincalhão, um jogador; o cibertexto é um jogo-mundo ou um mundo-jogo” (Aarseth, 1997:4).
- 6 Katherine Hayles acentua a valorização feita por Espen Aarseth dos jogos de computador como “o exemplo paradigmático de textos ergódicos” (Hayles, 2002:28). De facto, Aarseth defende que

“A arte ergódica bem-sucedida mantém a tensão e a excitação, enquanto oferece um caminho à descoberta, um regresso da atenção à didáctica do design e princípios escondidos a trabalhar na obra. Em certos casos, normalmente em jogos de aventura, este regresso ao centro de atenção é, em si mesmo, um princípio de design, uma parte necessária à experiência do utilizador” (Aarseth, 1997: 179).

- 7 Todavia, delineados, assim, estes pressupostos, convém salientar que a estruturação do hipertexto numa rede formada por nós, e pelas ligações entre esses nós, não é exclusiva do suporte digital. Conceitos como não-linearidade, dialogismo e intertextualidade são anteriores ao hipertexto electrónico e já pressupõem o texto como tecido de múltiplas textualidades, assim como, por exemplo, a leitura de uma enciclopédia já é do tipo hipertextual.
- 8 Por um lado, a organização do texto, escrito em parágrafos e capítulos, com sumários, índices, notas ou remissões, também sempre contribuiu para uma articulação não-linear, tornando o acto de ler um processo de selecção e de construção de significação. Ana Cláudia Viegas, num artigo de 2004, lembra que as histórias mais antigas já adoptavam estratégias narrativas complexas; dá o exemplo da *Ilíada*, pois é uma obra que começa perto do fim de uma guerra épica, com uma discussão entre soldados acerca de divisões de resquícios desse conflito já terminado. Mesmo ao longo da história da literatura, a investigadora realça que tem havido propostas inovadoras de narrativas não-lineares, assim como a imprensa tem criado diversos mecanismos opostos ao poder da linha. Também nós, leitores, ao lermos um livro de forma não-sequencial, saltamos capítulos, procuramos a informação desejada através de índices remissivos, desafiamos a linearidade do texto impresso lendo-o como um hipertexto (Viegas, 2004:101). Agora, tais desafios ganham, contudo, uma nova dimensão, quando dispõem de uma nova tecnologia textual que não tem por base a linearidade.
- 9 No princípio do século passado, M. Bakhtin falava sobre a questão de a existência do eu depender do diálogo com o outro, sem o qual não se poderia concretizar. O autor literário seguirá esta dialéctica enquanto entidade dinâmica que vive das relações com as outras entidades textuais (Bakhtin, 1986). Julia Kristeva acaba por divulgar estas ideias através dos seus estudos sobre a intertextualidade e da proposta de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 1977:64). Já Maria Augusta Babo salienta que
- Tratar a textualidade a partir de uma abordagem do texto entendido como trama ou tela é não só fundamental como actualmente óbvio. Essa abordagem permite pensar o texto nas relações que ele mantém com os que o precedem, mas ainda como escrita que se revela reescrita ou leitura (Babo, 1986).
- 10 No livro *Textualidades Electrónicas: Nuevos Escenarios para la Literatura* (2005), Laura Borràs também destaca a questão da intertextualidade como um aspecto, desde sempre, intrínseco à textualidade, na medida em que, quando existe algum tipo de interacção com os outros textos, as ideologias e as tradições, a leitura é feita na “encruzilhada referencial, ou numa caixa-de-ressonância de uma multiplicidade de símbolos culturais” (Borràs, 2005:33).
- 11 Estas características apontam para uma questão muito concreta: apesar de até aqui a leitura ter sido feita, predominantemente, de uma forma linear e sequencial mas também não-linear, ler nunca foi um processo estático. Pelo contrário: os textos literários, por exemplo, sempre pretenderam abrir um conjunto de possibilidades críticas ao universo do leitor (tendo em conta que o texto terá sido escrito para ser lido em determinado “horizonte de expectativa”, na linha de Jauss). É importante, no entanto, distinguir a intertextualidade da não-linearidade, na medida em que o facto de um texto ser não-linear não significa que se coloque face aos outros numa relação intertextual – ou seja, não equivale, como afirma Babo, a que exista uma “transposição” que cruza, troca, reagrupa e nega outros textos (Babo, 1986).

- 12 Sendo assim, o hipertexto veio conferir uma materialidade inegável ao plano intertextual, que lembra ainda, por exemplo, alguns mecanismos utilizados pelas estratégias enciclopedistas. No plano do texto enciclopédico, o hipertexto pode ser considerado, por exemplo, como a materialização do ideal enciclopedista tal como foi trabalhado, em 2006, no projecto “Enciclopédia e Hipertexto” (Pombo, Guerreiro e Alexandre, 2006). Este projecto pretendia compreender de que forma poderia o hipertexto abrir novas possibilidades ao projecto enciclopedista, da seguinte forma:

A rede é hoje a antecipação já eloquente da enciclopédia do futuro: um sistema hipertextual integrado de milhares de sub-sistemas interconectados, que não contém apenas sumários e palavras-chave, mas artigos de toda a espécie, sem limite de extensão, cartas, gráficos, mapas, discos, bandas sonoras, microfilmes, tabelas e massas formidáveis de conhecimentos científicos de todo o tipo, médicos, demográficos, económicos, técnicos, políticos, informações relativas a negócios, direito ou viagens, artigos constantemente actualizáveis por equipas de especialistas a nível planetário, estudos especializados e de carácter geral, representativos, em cada momento, do estado geral do conhecimento (Pombo *et al.*, 2006:279).

- 13 Deste modo, Pombo sugere o alcance de uma estrutura hipertextual em rede como o “limite ideal da enciclopédia”. Reconhece-se, contudo, que, além deste ruído intenso de informação, o hipertexto oferece mecanismos de indexação e organização que permitem a filtragem e a selecção da informação disponível, ou seja, caminhos de interpretação, ou “vias de escolha”, para as articulações, as derivações e as implicações hipertextuais (*ibidem*:280).
- 14 A abertura labiríntica facultada pela natureza enciclopédica do hipertexto é evidente, mas o desafio oferecido ao texto é, de facto, o mais perturbador, pois o hipertexto acaba por ser um lugar de confronto entre questões antigas mas também muito atuais, como, por exemplo, a autoria, as práticas de escrita e leitura, os géneros e as formas literárias, a pluralidade de leitura, a navegação, a deriva, a narrativa não-linear, a conectividade, a intertextualidade, a indeterminação de limites ou a infinita abertura do texto (*ibidem*:11). Nesta perspectiva, o hipertexto é entendido como a realização de instâncias teóricas já pré-existentes no plano filosófico e cultural, um espaço de experiências em que se analisam a dissolução da centralidade do texto, a multiplicação dos pontos de vista, e, por fim, a ruptura do próprio protocolo textual, como salienta Luís Filipe Teixeira quando diz que se torna “necessário caracterizar o texto, quer como algo mais que um texto, quer como algo mais do que uma mera entidade teórica definidora das condições necessárias e suficientes da própria textualidade” (Teixeira, 2012).

2. Da essência hipertextual

- 15 Entretanto, o que se apresenta como diferente na hipertextualidade digital será, de facto, a facilidade e a rapidez da passagem de uma ideia para outra, i.e., de um nó a outro, e assim de obter a possibilidade de aceder a outros textos em formato digital. Através dos formatos audiovisuais, esta hipertextualidade pode atingir, simultaneamente, uma dimensão cibertextual, que serve de base à *World Wide Web*, considerada o “maior hipertexto possível” (Ensslin, 2014:258).
- 16 Apesar de os termos “hypertext” e “link” terem sido utilizados pela primeira vez por Theodor Nelson, durante as suas aulas em Vassar College, em meados dos anos 60, e vindo a ser retomados anos mais tarde na obra *Literary Machines*⁴ (Nelson, 1981:0/2), o conceito

de hipertexto não surge com o digital, a rede ou a Internet. Diz-nos José Augusto Mourão acerca desta “novidade” cunhada por Nelson:

Este instrumento tecnológico não induz, de um ponto de vista estritamente literário, uma invenção propriamente dita. A escrita hipertextual permite antes um regresso a uma imensa tradição que tende a exprimir o não-linear, o encavalitado da vida, a profusão do real, a magia do invisível, para lá da rigidez do suporte impresso. O Pessanha das consoantes líquidas, o Appolinaire dos caligramas, Joyce, Proust, os surrealistas e muitos mais autores ‘modernos’ andavam de mão dada com a literatura oral, com os mistérios da idade média, com a *Ilíada* e a *Bíblia* (Mourão, 2001:19).

- 17 Conceptualmente, o hipertexto corresponde a um texto que permite estabelecer uma ligação a um outro texto fora do documento original. É, assim, a partir desta ideia basilar que se cria um dos paradigmas da Internet, onde um texto composto por *lexias* e nós (blocos de palavras, imagens dinâmicas ou estáticas ou sons) é ligado a outros por caminhos múltiplos, correntes ou passagens, numa rede aberta e fechada simultaneamente. Apesar de o termo *lexia* ter sido divulgado, no campo do hipertexto, por George Landow, em *Hypertext 2.0. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology* (Landow, 1997), como “blocos de texto”, o termo e a própria ideia é da autoria de Roland Barthes. As suas *lexia* foram propostas como “blocos de significação” ou “unidades de leitura”, ou seja, pequenas secções de um texto maior, com um ou mais significados dos *Cinco Códigos* (Barthes, S/Z). Neste sentido, advêm daqui a não-linearidade, a omissão de hierarquia, a indefinição de fronteiras e a flexibilidade dos documentos e metadocumentos (especialmente quando combinados com multimédia), com profundas implicações para o texto e a própria palavra.
- 18 O hipertexto compromete a condição da leitura, visto poder alterar a fisicalidade não só do texto mas também do suporte. Sendo o texto aberto, o acto de ler é abertura face a um sistema plural e ruidoso, em que uma comunidade de autores coloca em circulação uma rede infindável de produções. O hipertexto objectualiza o ideal da textualidade de Barthes, que aponta para um texto aberto e plural, caracterizado por uma miríade de leituras, nas quais o leitor é libertado do controlo do “autor-Deus” (Barthes, 1981:170). Barthes desenvolve, a partir daqui, uma estética da leitura enraizada no contraste entre as concepções de texto “legível” e texto “escritível”. O teórico achava que o texto “legível”, ou a narrativa clássica, era insuficiente, na medida em que o leitor era forçado a ser um consumidor passivo de códigos, que podia aceitar ou rejeitar um texto mas a quem seria negado o acesso à “magia do significante”. O texto “escritível”, pelo contrário, era defendido por Barthes como o novo objectivo estético das artes literárias. Descreveu-o como um texto aberto, plural, que oferece uma série indeterminada de interpretações a um leitor participativo, que também “escreve”. Entretanto, no famoso ensaio “A morte do autor”, reforça a ideia de que a multiplicidade da escrita está centrada no leitor, e não, como antes se pensava, no autor (Barthes, 1964:129). Segundo Barthes,

A escrita moderna é um verdadeiro organismo independente que cresce em torno do acto literário, decora-o com um valor estranho à sua intenção, compromete-o continuamente num duplo modo de existência, e sobrepõe ao conteúdo das palavras signos opacos que carregam em si uma história, um comprometimento ou uma redenção, de tal modo que à situação do pensamento se mistura um destino suplementar, muitas vezes divergente, sempre incómodo da forma (Barthes, 1981:70).

- 19 “Fora” e “dentro”, como bem vê Barthes, deixam de fazer sentido: o texto é espaço, e é o seu suporte de séculos, o livro, que participa na mais incrível das mutações do conhecimento dos últimos 500 anos.
- 20 Em última análise, salienta Laura Borràs (2005), o abandono da linearidade com o hipertexto coloca em causa a estabilidade não só do livro, e do acto de ler, mas também do trabalho de escrita. Assume-se que a criação artística deixa de ser linear, ao abrir caminhos cruzados através das ligações, e acentua-se essa abertura ao deslocar a obra criada para o ecrã, permitindo ao leitor saltar de ideia em ideia, embora mantendo certo grau de sequencialidade, determinado pelo seu pensamento. Com a abertura do hipertexto e a diversidade do *hipermedia* escolhem-se palavras, frases, imagens, fotografias, sons para seguir a história, e desobriga-se, desta forma, a leitura do seu ritmo canónico. Román Gubern, por ocasião das Jornadas sobre «La letra digital: Retos e interrogantes alrededor del libro electrónico», lembrou que o conceito de livro deixa de ser só o livro objecto, “o bom livro”, para ser o livro como texto, ou melhor, como textualidade, que continua a ter espaço no papel mas só na rede pode expandir as suas potencialidades hipertextuais e, sem dúvida, *hipermedia* (Gubern, 2010).

3. *Hipermedia* e hipertexto

- 21 A introdução do *hipermedia* veio ampliar e complexificar a ideia de hipertextualidade, ao incluir informação visual, som, animação e outras linguagens. Dado que o hipertexto liga uma passagem de discurso verbal a imagens, mapas, diagramas ou som tão facilmente como a outra passagem verbal, e expande a noção de texto para além do exclusivamente verbal, é difícil distinguir entre hipertexto e *hipermedia*. Ao contrário do que se pensa, esta nova estética narrativa tem sido considerada como valor acrescentado da textualidade electrónica e não como um factor limitativo. Isto porque, depois da atenção dada ao tipo de fruição que exige um trabalho textual electrónico, a estética da frustração torna-se uma estética de revisão, que impele releituras e reinterpretações sempre diferentes.
- 22 Marie Laure Ryan, no livro *Narrative as Virtual Reality* (2001), refere que a leitura de um texto que se constrói num espaço “*matrix*” implica uma dimensão para lá do texto, ou seja, fora dele; o leitor que seguir as ligações propostas poderá, através de várias linguagens, construir novos textos (Ryan, 2001:206). O itinerário de leitura resulta, assim, de uma ergodicidade textual em que, da articulação entre autor e leitor, produtor e receptor, se decide seguir (ou não), e de determinada forma, as ligações agregadas aos blocos dos vários tipos de texto. Quando José Augusto Mourão apresenta o hipertexto como um “livro dentro do livro escondido debaixo do texto” (Mourão, 2001:19), a percepção do texto como tecido, como um conjunto de outros textos e de vozes (e imagens) dissonantes que ecoam nas aberturas e nas significações despoletadas pelo hipertexto, obriga a uma rearticulação dos conceitos de intertextualidade e dialogismo, aqui como verdadeiros operadores de uma *hiperleitura* (Souza, 2009:61).
- 23 Marie Laure Ryan decide lembrar a necessidade de um novo “protocolo de leitura”, cuja ergodicidade é construída na interacção entre o texto e o leitor, através do encontro com sequências de signos distintas e durante sessões diferentes de leitura. De uma forma mais simples podemos dizer que a leitura electrónica pode ser edição, uma montagem individual através da qual se alcança uma interpretação diferente para cada leitor

particular. O acto de hiperleitura define-se, assim, como uma materialização dos sentidos de um texto, sendo o hipertexto uma das desmaterializações dos processos de escrita. A ideia da virtualidade, ou da transparência, do suporte físico, dessa hiperleitura que a textualidade digital parece desejar, obriga a considerar válida a preocupação de Katherine Hayles. Em 2002, no livro *Writing Machines*, a autora afirma: “temos pouca esperança de encontrar uma justificação robusta e elaborada para o modo como a literatura está a mudar seguindo o impacto das novas tecnologias” (Hayles, 2002:19).

- 24 Assim, surge a ideia, por exemplo, de que o “verdadeiro” hipertexto, de acordo com Espen Aarseth, nunca será alcançado, porque será sempre “uma condição tecnológica utópica de comunicação perfeita” (Aarseth, 2006:25). Para lá da utopia e em vez dela, não há dúvida de que a ergodicidade da textualidade electrónica funciona como expressão da interdependência de vários elementos e planos hipertextuais.
- 25 Neste espaço de descentramento e desterritorialização, a hipertextualidade oferece a ferramenta certa para que o leitor se possa tornar leitor-autor, ou, pelo menos, “utente/leitor” – “escreleitor”, “wreader” ou “lauteur”, como diria Pedro Barbosa. A propósito do texto virtual, o autor diz que “se entra num processo de escrita-pela-leitura ou de leitura-pela-escrita que se pode denominar de ‘escreleitura’, o que implica um novo papel para o utente/leitor – ‘escreleitor’, ‘wreader’ ou ‘lauteur’” (Barbosa, 2001). A ergodicidade hipertextual é, desta forma, uma experiência de um mundo vivido através de um sistema complexo de nós interrelacionados e de sentidos, que só serão realidade se concretizados na presença do outro.

BIBLIOGRAPHY

Aarseth, Espen J., (2005). *Cibertexto: Perspectivas sobre a literatura ergódica*. (Trad. Telles, Maria Leonor & Mourão, José Augusto). Lisboa: Pedra de Roseta.

Aarseth, Espen (1997). *Cibertext. Perspectives on ergodic literature*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

Babo, M.A. (2012). O lugar do leitor numa arqueologia da ciberliteratura: Estudo de casos. In: Rosa, J. M. (Org.). *Cibercultura e Ficção*. Lisboa: Documenta, pp.93-107.

Babo, M. A. (2011). Para uma arqueologia da Ciberliteratura. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 42, Andrade, Pedro de, Neves, José Pinheiro (Org.). Outubro, pp. 229-237.

Babo, M. A. (1986). Da intertextualidade. A citação. *Revista de Comunicação e Linguagens* n.º 3, Junho.

Bakhtine, M.; Morson, G. S. (eds.). (1986). *Bakhtin: essays and dialogues on his work*. Chicago: The University of Chicago Press.

Barbosa, P. (2001). O Computador Como Máquina Semiótica. *pedrobarbosa.net*. Disponível em http://www.pedrobarbosa.net/artigos_online-pdf/artigo-rcl.pdf. Consultado a 17 de Setembro de 2013. Já não disponível.

Barthes, R. (1981). *O grau zero Da escrita seguido de elementos de semiologia*. Lisboa: Edições 70.

- Barthes, R. (1970). *S/Z*. Lisboa: Edições 70.
- Barthes, R. (1964). *Essais critiques*. Paris: Seuil.
- Bolter, J. D. (ed.) (2001). *Writing Space: Computers, Hypertext, and the Remediation of Print*. (edição revista; 1.ª ed., 1991). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Bolter, J. D.; Grusin, R. (1999). *Remediation. Understanding new media*. Cambridge Mass: The MIT Press.
- Borràs, L. (ed.). (2005). *Textualidades electrónicas: Nuevos escenarios para la literatura*. Barcelona: Editorial UOC.
- Coover, R. (2000). *Literary Hypertext: The Passing of the Golden Age, Feed Magazine*. Disponível em http://nickm.com/vox/golden_age.html. Consultado a 14 Dezembro 2014.
- Coover, R. (1992). *The End of Books*. In *The New York Times Book Review*, June 21. Disponível em <http://www.nytimes.com/books/98/09/27/specials/coover-end.html>. Consultado a 14 de Dezembro de 2014.
- Ensslin, A. (2014). "Hypertextuality". In: Ryan, Marie-Laure, Emerson, Lori, Robertson, Benjamin J. (2014). *The John Hopkins Guide To Digital Media*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Gubern, R. (2010). *Retos e interrogantes alrededor del libro electrónico*. Disponível em <http://www.dosdoce.com/articulo/opinion/3560/retos-e-interrogantes-alrededor-del-libro-electronico/>. Consultado a 14 de Dezembro 2014.
- Hayles, N. K. (2008). *Electronic Literature: New Horizons for the Literary*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame.
- Hayles, N. K. (2002). *Writing Machines*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Kristeva, J. (1977). *Semiótica do romance*. (Trad. Martins, J. C.). Lisboa: Arcádia.
- Landow, G. P. (1997). *Hypertext 2.0. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.
- Landow, G. P. (1995). *Hypermedia and Literary Studies*. Massachusetts: The MIT Press.
- Landow, G. P. (1994). *Hyper/Text/Theory*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Mourão, J. A. (2010). *Textualidade Electrónica. Literatura e Hiperficção*. Lisboa: Vega.
- Mourão, J. A. (2001). *Para uma poética do hipertexto. Ficção interactiva*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. Disponível em <http://www.triplov.com/hipert/>. Consultado a 14 de Dezembro de 2014.
- Nelson, T. H. (1981). *Literary Machines*. Sausalito: Mindful Press.
- Nvcr, J. M. e Kihn, P. (1991). *From Memex to hypertext: Vannevar Bush and the mind's machine*. London: Academic Press, Inc.
- Pombo, O.; Guerreiro, A.; Alexandre, A. F. (eds.). (2006). *Enciclopédia e Hipertexto*. Lisboa: Edições Duarte Reis.
- Ryan, Marie-Laur; Emerson, L.; Robertson, B. J. (2014). *The John Hopkins Guide To Digital Media*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Ryan, Marie-Laure (2004). *Narrative across media: The languages of storytelling*. Nebraska: University of Nebraska Press.

Ryan, Marie-Laure (2001). *Narrative as Virtual Reality: Immersion and Interactivity in Literature and Electronic Media*. Baltimore: John Hopkins University Press.

Souza, C. E. L. de. (2009). *Entre as linhas do texto e o brilho da tela, uma rede e o leitor*. 195 f. Tese (Doutoramento)- Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em

http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/58/TDE-2009-10-28T173005Z-4567/Publico/2009_ClaraEtienneLimadeSouza.pdf. Consultado a 14 de Dezembro de 2014.

Teixeira, L. F. (2012). *A reconfiguração da Literatura (Ficção) no contexto dos Novos Médias (Ficção, E-Textos, Hipertexto e Videojogos: «Máquinas Literárias»?)* Disponível em <http://www.escritasmutantes.com/ensaios.php?cat=3&ensaio=41>. Consultado a 14 de Dezembro de 2014.

Teixeira, L. F. (2003). *Prometeu e as Figurações Maquínicas da Escrita 1.0: Em Torno da Palavra Digital e da Escrita Tipográfica*. Disponível em <http://www.escritasmutantes.com/ensaios.php?cat=1&ensaio=15>. Consultado a 14 de Dezembro de 2014.

Teixeira, L. F. (2002). *Dédalo e as figur@ções maquínicas da escrita 2.0: Alfabetos, ars combinatoria e hipertexto*. Disponível em <http://www.escritasmutantes.com/ensaios.php?cat=1&ensaio=16>. Consultado a 14 de Dezembro de 2014.

Viegas, A. C. (2004). *Quando a técnica se faz texto ou a literatura na superfície das redes*. *Texto Digital*, n.º 1, Ano1. Disponível em

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/index>. Consultado a 14 de Dezembro de 2014.

NOTES

1. Podem-se destacar os trabalhos de ficção hipertextual desenvolvidos na Eastgate Systems, nos anos 90, por Michael Joyce – *Afternoon: a story* (Watertown, Mass: Eastgate Systems, 1995) – e Shelley Jackson – *Patchwork Girl* (Watertown, Mass: Eastgate Systems, 1995).
2. “What matters most in electronic writing is the link. Links are the first new punctuation mark to appear in centuries, the most important technical innovation in our literary machinery since the comma” (Mark Bernstein, *Reading Hypertext*:4).
3. “During the cybertextual process, the user will have effectuated a semiotic sequence, and this selective movement is a work of physical construction that the various concepts of ‘reading’ do not account for. This phenomenon I call ‘ergodic’, using a term appropriated from physics that derives from the Greek words ‘ergon’ and ‘hodos’, meaning ‘work’ and ‘path’” (Aarseth, 1997:1).
4. Segundo Astrid Esslin, Ted Nelson define o hipertexto como “a non-sequential writing-text that branches and allows choices to the reader, best read at an interactive screen. As popularly conceived, this is a series of text chunks connected by links which offer the reader different pathways” (Ryan, 2014:258).

ABSTRACTS

Na passagem do texto físico para o texto digital ocorre uma quebra da linearidade da página impressa, que afecta a forma como a recepção se alia à produção através da performatividade característica das novas narrativas. A ruptura do limite material do texto, permitida pela hipertextualidade, obriga a uma construção de sentidos diferente, que assenta na exploração de um texto maior. A introdução do *hipermedia* vem depois ampliar e complexificar a ideia de hipertextualidade, ao fazer convergir linguagens diversas, num processo interactivo que se assemelha ao processo da própria criação. A partir de estímulos e aberturas do trabalho digital, os textos ergódicos constroem a imaterialidade da significação em espaços singularizados de materialidade algorítmica. Perante um texto destituído de corpo próprio ou único, pretende-se discutir a forma como a textualidade electrónica assiste a esta desmaterialização e a conduz, e como o discurso *hipermedia* se desloca entre linguagens e suportes multimédia diferentes.

Whilst breaking the linearity of the printed page, the passage from the physical text to a digital one has blurred the limits between reception and production and has shaped different narrative performances. Hypertextuality has shattered the limits of the text and has simultaneously required the construction of meaning by exploring a major text. Eventually, hypermedia has amplified and complexified that hypertextuality by being able to converge diverse languages, in an interactive process that resembles the actual creation activity. In response to the nodes and stimuli of the digital work, ergodic texts coexist within a customized space of algorithmic materiality and signification immateriality. In this paper we want to discuss how the bodiless but crowded electronic textuality leads this dematerialization as the hypermedia discourse flickers among different languages and multimedia devices.

INDEX

Keywords: hypertext, electronic textuality, reading; ergodic

Palavras-chave: Hipertexto, textualidade electrónica, leitura, ergódico

AUTHOR

FERNANDA BONACHO

Escola Superior Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa
fbonacho@escs.ipl.pt